

## II SIMPÓSIO BIENAL DA SBPSP

### “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento”<sup>3</sup>

**Silvana Rea**<sup>4</sup>

Boa tarde a todos, agradeço a presença de vocês no II Simpósio Bienal SBPSP.

Em primeiro lugar, gostaria de apresentar o simpósio como um evento que expressa o pensamento e o trabalho desta Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, composta pelas: diretoria do Instituto Durval Marcondes, diretoria científica, diretoria de cultura e comunidade, diretoria de atendimento à comunidade e diretoria regional.

E gostaria também de contextualizar o formato deste encontro, que é o segundo.

No I Simpósio escolhemos o tema “O mesmo, o outro”. Foi o tema que norteou as atividades científicas de então e que foi escolhido por se abrir para as questões de alteridade, permitindo que elas sejam abordadas a partir dos vértices institucional, teórico-clínico e sociocultural.

“O mesmo, o outro” também foi escolhido porque pensar as questões de alteridade mostravam-se uma urgência.

Ao fim desta primeira gestão, depois de dois anos, a urgência se fez mais premente. Por isso escolhemos como tema para este biênio “Fronteiras em Movimento” – pensando no jogo entre fronteiras como um espaço de movimentação de um ao outro.

Mas por que fronteiras?

Ao demarcar territórios, uma fronteira protege mas também divide. Ela traça uma linha a partir da qual ou se está dentro, ou se está fora, e onde podemos projetar a noção de diferença. Constrói separações que definem as alteridades, faz saber quem somos, mas muitas vezes transformam as alteridades em

---

<sup>3</sup> Trabalho apresentado na abertura do II Simpósio Bienal SBPSP “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento”, no dia 21 de agosto de 2020.

<sup>4</sup> Membro efetivo e Diretora Científica da SBPSP, Doutora em Psicologia da Arte pelo IP-USP.

inimigos. E se a noção de fronteira incorpora a ideia de limite, ela também convoca à sua ultrapassagem, à travessia do mesmo ao outro. E aí as regiões fronteiriças são lugares de encontro entre dois mundos. Pressupõem o reconhecimento e o desejo de conhecimento sobre o outro. Criam um espaço entre, um espaço além de estar dentro ou estar fora; um dentro e fora.<sup>5</sup>

Fomos surpreendidos por um evento inédito em pleno século XXI. A pandemia do COVID-19 traz um vírus em movimento, que ultrapassa fronteiras de países e continentes e nos obriga a fechar as nossas para o contato direto com o outro. A migração abrupta dos atendimentos presenciais para os virtuais, mostrou a potência do método em sua plasticidade de enquadre. Estamos em isolamento social, mas divididos entre quem pode ficar em casa e quem precisa se expor nas ruas; uma denúncia de nossa desigualdade social que nos faz lembrar a ideia de necropolítica, de Achille Mbembe (2011).

Por outro lado fica mais evidente que como seres humanos, compartilhamos uma única fronteira entre a vida e a morte. O espírito do tempo remete ao desamparo, à percepção da finitude e ao luto pelo que se foi e pelos que se foram. E às dificuldades para viver isso, pois por estas mesmas características, é um tempo que também nos convoca a uma posição binária.

Por conta da pandemia adotamos o formato on-line para o simpósio. Uma migração que exigiu esforço e dedicação de todos e aqui quero agradecer às diretorias em particular à diretora financeira Sonia Terepins, à comissão organizadora e à equipe de base da Sociedade: secretaria, divulgação e TI – em particular Fabiana Santos e Ricardo Contreras, incansáveis, que se dedicaram dia e noite.

Para o novo formato perdemos em tamanho, perdemos algumas mesas e as oficinas de discussão, mas acredito que está mantida a troca e a discussão, que foi a marca do primeiro encontro. Assim como é a nossa marca o diálogo entre os diferentes.

O tema que escolhemos para o Simpósio, “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento” deixa claro que entendemos que a Psicanálise está entrelaçada às dimensões política, econômica, social. O sujeito e o mundo, a

---

<sup>5</sup> Necropolítica considera que a expressão última de uma soberania reside no poder de decidir quem é escolhido para morrer.

clínica e a construção de conhecimento estabelecem fronteiras móveis em mútua constituição - como as dunas que se movimentam, imagem que escolhemos para o cartaz.

Por isso escolhemos estes dois eixos que vão articular nossa ideia de fronteiras.

“A clínica em movimento”, o eixo que será trabalhado neste primeiro fim de semana, propõe pensarmos questões ligadas ao exercício clínico, das bordas nos pacientes contemporâneos às extensões do dispositivo clássico.

“Psicanálise: diálogo nas fronteiras”, o eixo que será trabalhado no próximo fim de semana, apresenta a Psicanálise como um saber fronteiro a outros campos do conhecimento e dentro do próprio território psicanalítico.

Para finalizar, gostaria de colocar alguns elementos para pensarmos em nossas possibilidades de movimentação pelas fronteiras.

Muitos pensadores contemporâneos nos trazem os aspectos narcísicos de nosso tempo, que foi prenunciado por textos clássicos com *O mínimo eu* de Lasch (1986) e *Sociedade do espetáculo* de Debord (1997).

A hipervisibilidade virtual, o hiperconsumo hedonista, a identidade líquida, promovem o que Byung-Chul Han (2017) chama de desconstrução dos umbrais - tema da plenária da Elizabeth Chapuy - que são zonas de mistério, que marcam o outro como o desconhecido a ser conhecido.

O resultado é construirmos um espelho cego – ou um muro. Temos um terreno propício ao fechamento das fronteiras.

Este é o nosso panorama.

Por isso gostaria de trazer duas imagens que Bauman (2009) apresenta: a do caçador e a do jardineiro.

O caçador se dedica a defender os territórios impedindo mudanças, sustentado pela crença de que o mundo é um sistema divino harmonioso, onde cada criatura tem seu lugar determinado e funcional.

O jardineiro trabalha primeiramente com a idealização de um projeto e depois o realiza, escolhendo o terreno, incentivando o crescimento de certos tipos de plantas e destruindo as ervas daninhas.

Os produtores de utopias (e de sentidos metafóricos) são jardineiros. Ao caçador cabe pregar o fim das utopias. Porque ele persegue os outros caçadores, mata para abastecer o próprio reservatório, não considera que seja sua

responsabilidade garantir a oferta na floresta para outros, e que haja reposição do que foi tirado.

É o risco contemporâneo. De estarmos todos caçadores, entretidos com as nossas ambições em uma empreitada solitária e individualista. Por isso, diz Bauman, precisamos sempre tentar a difícil tarefa de detectar um jardineiro que contempla a harmonia preconcebida para além da fronteira do seu jardim privado.

Que o simpósio nos ajude a pensar além das nossa fronteiras.

## **Referências**

Bauman, Z. (2009). Entrevista à revista CULT.

Debord, G. (1997). *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Han, Byung-Chul. (2017). *Agonia do Eros*. Rio de Janeiro: Vozes.

Lasch, C. (1986). *O mínimo eu*. São Paulo: Brasiliense.

Mbembe, Achille. (2011). *Necropolítica*. Espanha: Editorial Melusina.